

5 DEZ 1993

# Jornais nas escolas

## JORNAL DE BRASÍLIA

Para aumentar o número de leitores, jornais de todo o mundo vêm desenvolvendo programas de incentivo à leitura nas escolas. O objetivo é fazer com que o estudante se familiarize com os jornais, fazer com que ele sinta prazer ao manuseá-los em busca de novidades. O hábito de leitura, tanto de livros quanto de jornais, é algo que se forja principalmente no seio da família, mas — ao partir para ações concretas nas escolas — o que os editores almejam é fazer com que também aqueles jovens cujos pais não assinam nem lêem jornais se tornem futuros leitores.

Há um bom tempo, jornais brasileiros vêm partindo para este tipo de iniciativa e têm obtido excelentes resultados. Em períodos determinados, os editores doam exemplares a certas escolas ou professores, a fim de que estes desenvolvam trabalhos com seus alunos. Os resultados não poderiam ser melhores porque as crianças demonstram maior interesse ao entrar em contato com fatos recentes e, em muitos casos, bastante próximos de sua realidade. Recortando matérias que as atraem, discutem sobre elas. A verdade é que com recortes de jornais é possível — e bem mais prazeroso — estudar ciências, geografia, português, história etc.

O "The New York Times" foi o primeiro neste tipo de trabalho, em 1932. De lá para cá, iniciativas semelhantes surgiram em outros países, com jornais doando exemplares ou concedendo descontos nas assinaturas para escolas ou organismos públicos responsáveis pela educação. No Brasil, já temos uma certa tradição, e uma metodologia própria, que vem satisfazendo plenamente seus executores. O incentivo à leitura de jornais em sala de aula tem três funções importantes. A mais relevante delas é a social: na medida em que o programa acaba contribuindo pa-

ra a formação de cidadãos participantes. A outra é educativa, já que o projeto serve para ampliar o quadro de leitores e, consequentemente, a circulação de jornais.

Esta iniciativa dos jornais pode ganhar maior corpo agora, caso venha a ser aprovado um projeto de lei que introduz a leitura de jornais como parte do currículum escolar nos estabelecimentos públicos, com a obrigatoriedade de contarem com, no mínimo, duas assinaturas de jornais diários, um de circulação local ou regional e um de circulação nacional. O projeto foi apresentado pelo deputado Carlos Azambuja (PPR/RS).

Quer o parlamentar gaúcho que os recursos para este programa venham do Ministério da Educação ou de contribuições voluntárias de pessoas jurídicas que, depois, poderão abater o montante doado no seu imposto de renda devido. O projeto é de incontestável importância na medida em que praticamente oficializa uma iniciativa particular. O objetivo principal, diz seu criador, é promover entre os estudantes o conhecimento dos fatos econômicos, políticos, científicos e culturais que mais afetam a sociedade.

A iniciativa dos jornais e o projeto do deputado demonstram que, no Brasil, já existe quem queira reverter, com medidas concretas, aquele velho bordão: os brasileiros lêem muito pouco. Lêem pouco, sim, mas por falta de hábito. O sistema de ensino brasileiro foi sempre elitista, jamais atendeu às faixas mais carentes. O Estado sempre negou aos pobres não só a formação mas também a informação. Está chegando, pois, a hora de revertermos este quadro.

■ Edgar Lisboa é jornalista e diretor executivo da Associação Nacional de Jornais — ANJ